

Jolivaldo Freitas*

Voar é com os pássaros

Esse negócio de voar não me dá medo, embora eu sempre ache que vai acontecer alguma coisa com o avião e lembro de uma aeromoça (elas, as profissionais empregadas, graças ao politicamente correto, já não são tão moças assim) e também não são mais aeromoças e sim comissárias de bordo – que tinha pavor de avião, imagine, e foi convidada a atuar na área e não desperdiçou a oportunidade. Quando entrava a trabalhar esquecia o medo que só voltava quando saía de casa para pegar os caixotes voadores da Cruzeiro.

Sempre que vou viajar de avião, uma semana antes, pode acreditar, começam a surgir notícias de todo mundo mostrando que alguma coisa aconteceu em algum ponto do planeta: uma queda ali, uma turbulência aqui. Neste momento em que relato estou num avião pedindo a São Mercúrio, São Ícaro e São Francisco, protetores dos bichos alados e dos que viajam em asas metálicas para que seja verdade que, segundo as estatísticas, avião é o meio de viagem mais seguro. Daí lembrei que segundo as estatísticas o Botafogo do Rio (para onde estou indo) seria o campeão de futebol do Brasil no ano de 2023 e contra as estatísticas nem entre os quatro primeiros colocados ficou.

Dona Tete Maria, professora que foi da Uneb foi quem me contou que certa feita pegando um avião sentou junto de um garoto que ia se apresentar ao Cotinguiba Esporte Clube, lá de Sergipe, sendo a primeira vez que via um avião de perto e ele nervoso puxou conversa, mas o interessante veio de pois quando o avião começou a taxiar e ele falou para ela que não sabia que o avião pegava primeiro viagem pelo asfalto.

- Ele vai pelo asfalto e pula quando? – perguntou.

Ela sem querer dar risada para não encabular o jogador explicou que o avião ia acelerar e então subir em direção às nuvens. Ele ficou quieto até o avião ganhar velocidade e disse:

- Dá tempo parar?

- Por que? – Ela procurou saber.

- Tá correndo muito.

Segundo ela o resto da viagem foi tranquila até quando chegou no aeroporto de Sergipe viu que o garoto não queria mais sair do avião. Ela perguntou se gostou da viagem e ele disse que muito. Difícil foi a equipe de bordo o convencer a sair da poltrona. Morto de vergonha precisou de ajuda para trocar a calça jeans.

Eu tenho um problema com a viagem que é não saber onde sentar. Gosto de ir na janela, mas penso – principalmente se a viagem for longa - que se der um piriri vou ter de pular por cima dos passageiros ao meu lado. Se eu for no corredor, com certeza alguém vai ter uma vontade qualquer e vai me acordar tanto para ir como para voltar ao lavabo. Agora, imagine uma situação: o senhor na janela, o comissário de bordo já tinha perdido a paciência com ele que que não aceitou ir no corredor – embora fosse o determinado por seu bilhete – e foi para a janela, que era o meu lugar correto. Foram nove horas de voo para Luanda com ele de meia em meia hora passando por cima de mim, me apertando, me acordando para ir ao lavabo, andar no corredor, se alongar. Decidi fazer parte da viagem em pé. Pior que ir de buzú BRT.

***Escritor e jornalista. Autor do romance “A Peleja dos Zuavos Baianos Contra Dom Pedro os Gaúchos e o Satanás” e de “Histórias da Bahia – Jeito Baiano”.**

PINGA-FOGO

■ **SÓ PENSA NO SENADO** - S6 doido acredita que Flávio Bolsonaro deixará o projeto de presidir o Senado para disputar, com Eduardo Paes, o governo do Rio. O senador está mergulhado na formação da maior bancada de direita no Senado Federal. Além da própria eleição, ele quer transformar o seu braço direito, Gutemberg Fonseca, em campeão de votos para a Câmara Federal. O Palácio Guanabara ficou em segundo plano. O senador descarta qualquer hipótese de disputar o governo do Rio.

■ **DE OLHO NO TSE** - O prefeito do Rio, Eduardo Paes, tem voltado suas atenções ao TSE, em Brasília. Tudo que ele não quer é uma reviravolta no quadro político do Rio agora em 2025. Qualquer fator novo ou até eleição, desarruma o cenário de vento favorável que hoje sopra na sua navegação para 2026.

■ **DOCEDELIMÃO** - Ganha um pote de doce de Limão, uma das mais tradicionais sobremesas das famílias piauienses, quem adivinhar o nome do Ministro do TSE que pedirá vistas a um processo capaz de causar terremoto no Rio.

■ **OBRAS BILIONÁRIAS** - Lembram do prefeito de Niterói, Rodrigo Neves? Ele já fez as contas e vai transformar a cidade em um canteiro de obras para os Jogos Pan-Americanos de 2031. Quer construir a Vila do Pan na cidade e planeja obras que estão deixando as empreiteiras ouriçadas, especialmente aquelas com quem tem relacionamentos bem íntimos.

■ **PROTEÇÃO FANTASMA** - O ministro Flávio Dino pisou na bola ao tentar barrar os efeitos da Lei Magnitsky no Brasil. As punições para quem não obedecer nunca serão aqui, mas para quem quer atuar nos Estados Unidos. Se os grandes bancos querem operar no mercado americano, terão de pensar duas vezes se as decisões de Dino servirão como escudo protetor. Lembram da fábula do Rei Vai Nu e sua capa invisível? É assim que a decisão do ministro está sendo vista.

■ **DNA NA ORIGEM** - Aliás, Flávio Dino tem uma saia justa como relator do processo dos respiradores fantasma comprados pelo consórcio Nordeste. Como governador, ele repassou R\$ 4,8 milhões para o consórcio e o seu nome aparece em todas as atas, inclusive na eleição de Rui Costa como presidente. O seu DNA está na aprovação das compras coletivas. Como ele poderá julgar um processo no qual foi protagonista na eleição dos personagens que viraram réus e colocou dinheiro do povo maranhense neste negócio que evaporou os recursos do estado?



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Fotos OAB-RJ



Ao lado das demais autoridades, a presidente da OAB-RJ durante o painel

Autoridades debatem uso de IA no Poder Judiciário e na advocacia

Magistrados, juristas, acadêmicos e representantes da advocacia e do setor privado participaram, na última sexta-feira, 15 de agosto, da ‘Legal Conference’, um painel na Rio Innovation Week, no qual debateram o papel da inteligência artificial no Poder Judiciário e para o trabalho de advogados e advogadas.

A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio, apontou que a IA é uma ferramenta amplificadora da capacidade humana capaz de ajudar os tribunais brasileiros a enfrentar o enorme acúmulo de processos atualmente em tramitação – quase 84 milhões, segundo o último relatório Justiça em Números, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). “Temos que pensar realmente na inteligência artificial como um instrumento para tornar nosso trabalho mais fácil, célere e eficiente, proporcionando melhores resultados para os jurisdicionados. Porém, precisamos ter responsabilidade para fazer um uso ético e saudável da IA”, destacou.



Ministro Villas Bôas Cueva, do STJ, visita estande da OAB-RJ, no Rio Innovation Week

Também participaram do painel o ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Ricardo Villas Bôas Cueva, o presidente do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), desembargador Luiz Paulo da Silva Araújo Filho, o presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), desembargador Ricardo Couto de Castro, o diretor-executivo do banco BTG Pactual, Eduardo Lang, e o diretor-jurídico das Organizações Globo, Antônio Cláudio Ferreira Netto, além do diretor de Inclusão Digital e Inovação da

OAB-RJ, William Rocha, e a presidente da Comissão Especial da Justiça Federal da Seccional, Alessandra Lamha. A mediação ficou a cargo da vice-presidente Jurídica e de Assuntos Corporativos da Microsoft na América Latina, Alessandra Del Debbio.

Após as palestras, o ministro do STJ, Ricardo Villas Bôas Cueva visitou o estande da OAB-RJ no evento, onde participou do programa OAB-RJ Notícias, apresentado pela presidente da Comissão de Celeridade Processual, Carolina Miraglia.

Fernando Molica

Um xingamento previsível

Repostados por Eduardo Bolsonaro, os xingamentos de Carlos Bolsonaro a governadores de direita não devem surpreender ninguém: desde sempre, a família Bolsonaro age apenas de acordo com seus próprios interesses.

Agora, trabalha com o único objetivo de tentar livrar o patriarca da cadeia, mesmo que, para isso, seja preciso brigar com aliados e submeter o país a uma chantagem dos Estados Unidos.

O vereador Carlos (PL) pos-tou que os “governadores democráticos” (as aspas são dele) se comportam como ratos e têm comportamento “desumano, sujo, oportunista e canalha”. Isto porque não estariam se esforçando o suficiente para que seu pai, o ex-presidente Jair, não seja condenado e preso.

Segundo o 02, os “direitistas” (de novo, aspas dele) são “cúmplices covardes” que “querem apenas herdar o espólio de Bolsonaro, se encostando nele de forma vergonhosa e patética”.

O recado e as ofensas são dirigidos a quatro governadores não nominados por Carlos, todos citados como possíveis candidatos a presidente: Tarcísio de Freitas, de São Paulo (Republicanos); Romeu Zema, de Minas (Novo); Ronaldo Caiado, de Goiás (União Brasil) e Ratinho Júnior, do Paraná (PSD).

Em alguns pontos é preciso concordar com Carlos. Volta e meia, alguns desses governadores demonstram atitudes oportunis-

tas, de olho no tal espólio eleito-ral de Bolsonaro. Sabem que precisam dos votos do ex-presidente para conseguirem chegar ao Plana-to: daí alternarem posturas mais radicais com acenos a seto-res conservadores tradicionais.

Tarcísio é mestre em assumir posturas contraditórias. Para tentar encarnar o tal do bolsonarismo moderado, expressão contraditória em si, ele costuma dormir na Faria Lima e acordar num pa-lanque golpista da avenida Pau-lista, ou o contrário. Sempre de pijama azul, nunca amarelo.

Os xingamentos de dois dos filhos de Jair deveriam constan-ger tais governadores, fazer com que eles reagissem, tivessem pos-turas compatíveis com os cargos que ocupam, com os mandatos que receberam dos eleitores. Mas o mais provável é que eles os engulam como quem toma um comprimido de cloroquina.

Beneficiado por uma onda direitista internacional e por uma conjuntura brasileira que combinava lavajatismo com crise econômica, Bolsonaro foi eleito e acabou identificado como algo que nunca foi, porta-voz de teses da direita.

O ex-capitão não defendia ditadores e torturadores porque eles foram de direita, mas porque eram ditadores e torturadores. Não há qualquer registro anterior à sua primeira campanha presidencial de que tenha feito uma elegia ao capitalismo, ao li-beralismo e ao livre comércio.

Sempre foi muito mais pró-ximo da lógica estatizante, cor-porativa e intervencionista que marcou por décadas um certo pensamento militar brasileiro, muito representado pelo ge-neral Ernesto Geisel, que exer-ceu a Presidência entre 1974 e 1979. Sua grita contra a priva-tização da Vale e seus elogios a Hugo Chávez representam bem esse perfil.

Por décadas integrante da parcela inferior do baixo clero da Câmara, Bolsonaro nunca tratou de questões maiores relacionadas a questões econômicas, lutava para obter vantagens para sua própria categoria profissional, a dos militares.

Sua adesão aos princípios liberais representados por Pau-lo Guedes foi tão oportunista quanto o comportamento dos governadores agora humilhados por Carlos e Eduardo. A defesa do mercado era o único cavalo disponível para que ele chegasse à Presidência.

No governo, transformou aliados em inimigos assim que desconfiava de alguma traição — ou seja, de alguém quecontraria-va ou poderia contrariar interes-ses de sua família.

Confinado em sua casa por ordem judicial, contando os dias para uma provável condenação, Bolsonaro mostra desespero e, pelas mãos dos filhos, ataca até quem está ao seu lado. Conta com a subserviência oportunista dos ofendidos.

Tales Faria

Deputados votam blindagem

A bancada do PSD na Câ-mara decidiu apoiar a coloca-ção em pauta da Proposta de Emenda Constitucional (PEC 333) que acaba com o foro pri-leviado para autoridades nos casos de crime comum.

O líder do partido, depu-tado Antônio Brito (BA), in-formou a decisão aos líderes do PL, do PP, do União Brasil e do Novo, que já apoiavam a proposta.

O grupo representa agora 247 deputados, faltando ape-nas dez para atingir a maioria mais um dos 513 integrantes da Câmara.

A reunião dos líderes nes-ta terça-feira deverá decidir se a PEC será ou não colocada para votação em plenário. A princípio, decidem apenas se apoiam que vá à votação, não como votam o texto, a favor ou contra.

O líder do MDB na Câ-mara, Isnaldo Bulhões (AL), ainda não se manifestou sobre o apoio à colocação em pauta. A expectativa, no entanto, é de que ele apoie.

O MDB tem 45 deputa-dos. Caso Isnaldo se manifeste a favor na reunião, já haverá número suficiente para entrar em pauta. Caso contrário, os defensores da tese poderão ainda buscar apoio dos líde-res dos partidos pequenos: o Podemos, com 17 deputados; o Avante, com sete; o Solida-riedade, com cinco; e o PRD,

com outros cinco.

O problema da colocação em pauta da PEC 333 é que o texto original, de 2017, pro-posto pelos então senador Ál-varo Dias, já não é levado em conta pelos parlamentares. Na verdade será apresentado um texto novo.

A expectativa, dada como quase certa na Câmara, é de que esta nova versão irá além da derrubada do foro privi-legiado. Incluirá o que os depu-tados chamam de jabuti: propostas colocadas subrep-ticiamente nos textos que vão à votação. Entram disfarçada-mente na última hora porque não teriam apoio da opinião pública.

Segundo o dito popular, Jabuti não sobe em árvores. Se aparece nos galhos, “ou foi en-chente, ou foi mão de gente.”

O jabuti esperado nos bas-tidores do Congresso deve ser colocado no texto da PEC 333, que, a princípio, trataria apenas da derrubada do Su-premo Tribunal Federal como foro privilegiado para proces-sos contra autoridades nos ca-sos de crime comum.

O jabuti será um texto que blinde os parlamentares con-tra a atuação da polícia e da Justiça nos processo em que eles são acusados de crimes comuns.

A ideia é que o texto desse jabuti só deverá permitir pri-sões e buscas e apreensões con-

tra deputados e senadores se forem aprovadas pelo plenário da Câmara ou do Senado. Não bastará apenas a autorização da Justiça.

Se os líderes acharem que não há clima para incluir o jabuti na PEC, os partidos que defendem as prerrogativas tentarão votar um projeto es-pecífico.

Os líderes sabem que têm grande apoio dentro do Con-gresso. O próprio presidente da Câmara, Hugo Motta (Re-publicanos-PB), já manifestou simpatia pelas prerrogativas dos parlamentares.

“Hoje tem, sim, um am-biente de discussão acerca dessas prerrogativas pelos exa-geros que os parlamentares, entendem que, infelizmente, têm acontecido. Há muito incômodo com decisões que foram tomadas recentemen-te”, disse em entrevista para a Globo News.

A propósito: a colocação de projetos para votação na pauta do plenário é decisão exclusiva do presidente da Câmara. Caberá, portanto, a Hugo Motta a palavra final so-bre a data da votação, mesmo após a decisão do Colégio de Líderes.

Os líderes informam que a maioria apóia entrar em vota-ção e o presidente da Câmara é quem efetivamente coloca. Como Hugo Motta é favorá-vel, ele deverá ser rápido.